

Jornal Negócios

22-10-2020

Periodicidade: **Diário**

Classe: **Economia/Negócios**

Âmbito: **Nacional**

Página(s): **1,4,5,6,7,8**

Segunda vaga aumenta risco de recessão em “W”

Cresce o receio de uma nova contração da economia no quarto trimestre
depois da recuperação registada entre julho e setembro.

**Especialistas
defendem medidas
locais para combater
pandemia**

**Saiba o que estão
a fazer os governos
de sete países
da Europa**

PRIMEIRA LINHA 4 a 8



Rodriego Antunes/USA

PRIMEIRA LINHA A SEGUNDA VAGA

Se for preciso confinar, Portugal fica encurralado?

À medida que a segunda vaga progride, o medo de uma nova contração do PIB aumenta. O FMI diz que é preciso gastar para responder à crise sanitária e económica. Adiar medidas de confinamento pode ter um custo ainda maior, somam outros economistas.

MARGARIDA PEIXOTO
margaridapeixoto@negocios.pt

Faz uma semana que o primeiro-ministro sentiu que era preciso dar "um abanão" ao país, para travar a velocidade da segunda vaga de covid-19. Mas feita a chamada de atenção, os casos de infeção continuam a subir, dia após dia, tornando cada vez mais premente a questão de saber se será inevitável voltar a confinar o país. "Não podemos voltar a parar todos", disse António Costa, logo em setembro. Mas esciver deser? Portugal está encurralado?

O medo de uma chamada recessão em W, ou seja, com dois momentos de contração aguda, progride quase ao mesmo ritmo da segunda vaga de covid-19. Com a subida do número de casos, vários países europeus têm vindo a tomar medidas restritivas da vida social e, por consequência, da atividade económica.

Em Portugal, a questão está também em cima da mesa, com o Presidente da República a ouvir os vários quadrantes da sociedade, em busca de um caminho comum - registaram-se 2.535 novos casos nas últimas 24 horas e 16 mortes por covid.

Os indicadores avançados da atividade económica já acusam o aumento da incerteza, do medo das famílias e dos empresários. O PMI dos serviços para a zona euro, da IHS Markit, caiu em setembro para menos de 50 pontos, a linha abaixo da qual se perspetiva uma recessão. Vários economistas estão já a rever os seus cenários macroeconómicos, admi-



António Costa, primeiro-ministro, está a fazer tudo para evitar novo confinamento estrito, ao mesmo tempo que espera pelos fundos europeus.

tindo uma nova queda do PIB no quarto trimestre deste ano.

"Muitos países estão agora a experienciar uma nova vaga de infeções... isto significa que a recuperação parece agora estar mais longe do que desejávamos. E o impacto económico está a aumentar", disse Klaas Knot, presidente do Banco Central da Holanda. "Uma recessão em W é possível", defendeu outro governador central que preferiu não ser identificado, ao Financial Times.

Em Portugal, os dados para avaliar como é que a economia está a reagir à segunda vaga também são escassos, mas já mostram

uma hesitação no ritmo da retoma. O indicador de confiança dos consumidores do Instituto Nacional de Estatística é o que mais preocupa, pois parece ter estabilizado num nível muito negativo. Mas também os indicadores coincidentes do Banco de Portugal, tanto para a atividade económica como para o consumo privado, sugerem cautela: continuam a cair, renunciando recessão.

Se forem precisas mais medidas em Portugal? Do ponto de vista económico, a questão está em saber se será melhor confinar as economias de for-

“

O que se tenta economizar de um lado escapa depois através dos estabilizadores automáticos.

WILLIAM DE VIJDER
Economista-chefe do BNP Paribas

“

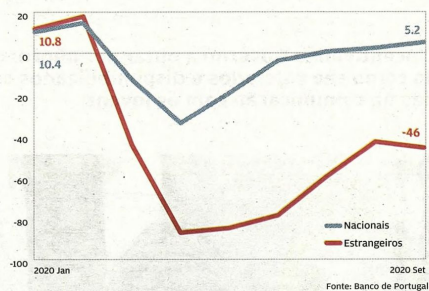
A estratégia que economicamente faz mais sentido é baixar o número de infeções para depois retomar a atividade económica.

RICARDO CABRAL
Economista e professor na Universidade da Madeira

UTILIZAÇÃO DE CARTÕES NACIONAIS RESISTE

Taxa de variação homóloga (%) dos pagamentos com cartões nacionais e estrangeiros, em Portugal, em valor

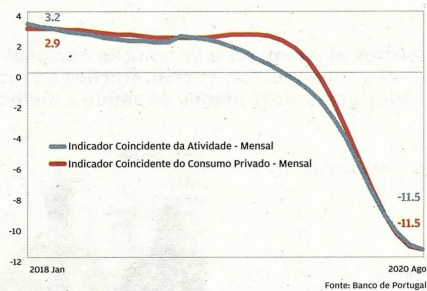
Os dados até setembro ainda não mostram uma queda homóloga dos pagamentos com cartões nacionais. Mas já é possível ver que o ritmo da recuperação está agora mais lento. Nos cartões estrangeiros, setembro já foi um mês de queda em termos homólogos.



PRENÚNCIOS DE MAIS RECESSÃO

Indicadores coincidentes da atividade e do consumo privado, mensal, em pontos

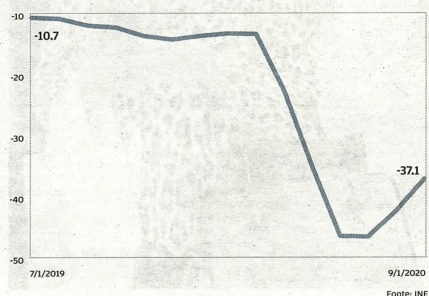
Os indicadores coincidentes do Banco de Portugal pretendem antecipar a tendência da atividade económica e por enquanto os sinais são negativos. Ambos os indicadores continuam a cair, ainda que a um ritmo um pouco menor do que no início da crise.



ENCOMENDAS DO EXTERIOR COMPROMETIDAS

Carteira de encomendas da indústria transformadora dos principais países clientes de Portugal

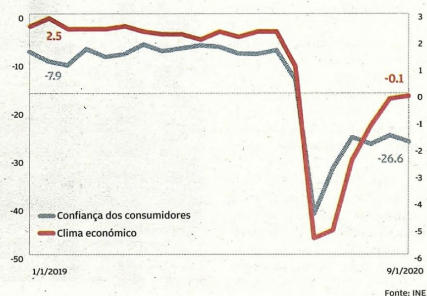
Apesar de ter havido uma melhoria em setembro, as expectativas dos principais parceiros comerciais de Portugal quanto ao nível das encomendas que vão fazer ao exterior continuam muito deprimidas. Isto é um sinal de que as exportações podem recuperar, mas estarão ainda prejudicadas.



PESSIMISMO AMEAÇA AGRAVAR-SE

Indicador de confiança dos consumidores e de clima económico, em pontos

O indicador de confiança dos consumidores caiu em setembro, sugerindo que o pessimismo vai continuar a marcar as opções das famílias. O clima económico, que dá conta das expectativas dos empresários, também se mantém em terreno negativo, recuperando cada vez mais devagar.



ma rígida, por um período limitado no tempo, com o objetivo de atrasar as infeções para depois reabrir (tal como se fez na primeira vaga), ou manter esta espécie de "confinamento suave", que marca a atividade em muitos países e do qual Portugal é agora um exemplo.

"A prioridade no curto prazo é suavizar o impacto da pandemia na economia", diz William De Vijlder, economista-chefe do BNP Paribas, ao Negócios. "Se não o fizermos, pode ser ainda pior", defende. "Não sou perito de saúde pública, mas a estratégia que economicamente faz mais sentido é baixar o número de infeções para de-



É preciso fazer tudo o que for possível para conter a pandemia e os seus danos económicos.

ALFRED KAMMER
Diretor do departamento Europeu do FMI

pois retomar a atividade económica", corrobora Ricardo Cabral, economista e professor da Universidade da Madeira. "Sai mais barato gastar agora, do que depois mais à frente", assegura.

Os dois economistas explicam que mesmo uma economia muito endividada, como a portuguesa, tem mais vantagens em gastar agora e deixar a dívida pública subir, mas criar boas condições para a atividade retomar, do que adiar as medidas e manter a incerteza elevada durante muito tempo.

O FMI também defendeu esta ideia no World Economic Outlook de outubro, notando que o dano

provocado pelo medo de contágio nos consumidores, que restringem a sua atividade e poupam se o número de infeções diárias for muito elevado, arrisca ser mais prejudicial do que confinamentos restritivos, mas limitados no tempo. É que estes permitam interromper as cadeias de transmissão e dão mais segurança à reabertura da economia.

Ainda ontem o Fundo reforçou a mensagem: "É preciso fazer tudo o que for possível para conter a pandemia e os seus danos económicos e não retirar prematuramente os apoios, para evitar repetir os erros da crise financeira", defendeu Alfred Kammer, diretor do

departamento Europeu do FMI.

E depois, quem paga a fatura? "Suportar a economia não terá impacto nos custos de financiamento de curto prazo", lembra William De Vijlder, acrescentando que se a pandemia durar mais do que o previsto, o expectável é que o BCE reforne o apoio. Ricardo Cabral reconhece que aumentar o endividamento num país como Portugal é um risco, mas mantém a ideia de que o resultado será pior se a pandemia ficar descontrolada. "O que se tenta economizar de um lado acaba por escapar depois através dos estabilizadores automáticos", concorda De Vijlder. ■

Especialistas defendem medidas locais no combate à covid-19

Peritos afastam, para já, solução nacional e incentivam o Governo a optar por abordagens locais. Propõem também alterações ao modo como são coletados e disponibilizados os dados pelas autoridades de saúde e melhorias na comunicação com os jovens.

VICENTE LOURENÇO
vicentelourenco@negocios.pt

O aumento dos casos diários de infeção pelo novo coronavírus, em Portugal, levou o primeiro-ministro a decretar, na passada quinta-feira, a situação de calamidade no país e a proibição de ajuntamentos de mais de cinco pessoas na rua ou em estabelecimentos comerciais. No dia seguinte, em Bruxelas, António Costa admitiu que a imposição de um novo confinamento nacional não está fora das medidas equacionadas pelo Governo para travar a disseminação do SARS-Cov-2. A declaração conta com o apoio do Presidente da República, mas não tem sido secundada pelos especialistas.

“Tenho dito repetidamente que nos devemos concentrar nas medidas que a ciência tem provado que são efetivas”, diz Adalberto Campos Fernandes, ex-ministro da Saúde. “Falamos em primeiro lugar de distanciamento físico, uso de máscara intensiva, higiene das mãos, etiqueta respiratória e complementarmente a realização de testes, aquilo que a OMS definiu em abril como testar, testar, testar”, acrescenta, afirmando a hipótese de uma solução nacional: “A melhor forma de interromper as cadeias de transmissão é um trabalho local (...) Deve ser feito em função do risco que temos em cada zona. É errado comprometer o normal funcionamento de zonas do país que estão relativamente protegidas.”

A opinião é partilhada por Miguel Castanho. O investigador principal do Instituto de Medicina Molecular considera que as



Tiago Sousa Dias

Especialistas descartam hipótese de um novo confinamento em Portugal para combater a covid-19.

medidas que têm sido implementadas são pouco diferenciadas, explicando que “isso entendeu-se no início porque não havia historial nenhum do vírus”, mas que “agora temos mais experiência, sabemos mais”.

Para Miguel Castanho, Portugal e a Europa estão numa situação diferente da verificada quando confrontados pela primeira vez com o novo coronavírus, o que se devia refletir nos dados disponibilizados pelas autoridades de saúde. “Já mudámos muito a capacidade de testagem. Gostava de saber o número de novos casos face

ao número de novos testes.” Refere o também professor na Faculdade de Medicina de Lisboa, classificando como “pouco informativo” o número de infeções diárias. “Outro aspeto importante é que as áreas metropolitanas são muito críticas. Devíamos decompor os dados em áreas metropolitanas versus outras áreas (...) Não vale a pena tomar grandes medidas generalistas para todo o país. Pode ser injustificadamente duro para certas regiões.”

Convém observar também o que está a acontecer noutros países europeus, lembra o antigo diretor-

geral da saúde, Constantino Sakellariades, dando os exemplos de Inglaterra, França e Espanha, onde as medidas são diferenciadas de acordo com o risco. O professor da Escola Nacional de Saúde Pública, da Universidade Nova de Lisboa, acredita que a estratégia de combate à covid-19 deve consistir numa “mistura indicada” de políticas nacionais e políticas regionais, e lamenta a ausência de uma análise cuidada sobre o tema. “O Governo convocou para sexta-feira o conselho nacional de saúde pública, que é o órgão de aconselhamento. Esse conselho vai dar uma opinião. Essa

“

Impor restrições aos cidadãos são sempre as medidas fáceis. É empurrar a responsabilidade para cima dos outros. Devemos primeiro educar a população. Sistemáticamente, a resposta ser limitar direitos parece-me fácil.

RICARDO MEXIA
Presidente da Associação Nacional dos Médicos de Saúde Pública

Tenho dito repetidamente que nos devemos concentrar nas medidas que a ciência tem provado que são efetivas.

ADALBERTO CAMPOS FERNANDES
Ex-ministro da Saúde

Não vale a pena tomar grandes medidas generalistas para todo o país. Pode ser injustificadamente duro para certas regiões.

MIGUEL CASTANHO
Investigador Principal do Instituto de Medicina Molecular

”

EUROPA CONTRA A COVID-19

A segunda vaga do SARS-Cov-2, na Europa, está a preocupar o Velho Continente e a intensificar medidas restritivas decretadas pelos governos para conter a disseminação do vírus.

REINO UNIDO

Inglaterra tem implementado um sistema de níveis. Para já, só Liverpool, Lancashire e Manchester foram colocados sob o nível 3, o mais alto da escala, o que implica o fecho dos "pubs" e a proibição de confraternização com pessoas que não vivam na mesma casa. Na Escócia, os bares e outros locais de lazer estão encerrados, tal como na Irlanda do Norte, que decidiu ainda fechar os restaurantes e as escolas. O País de Gales decretou confinamento obrigatório.

PORTUGAL

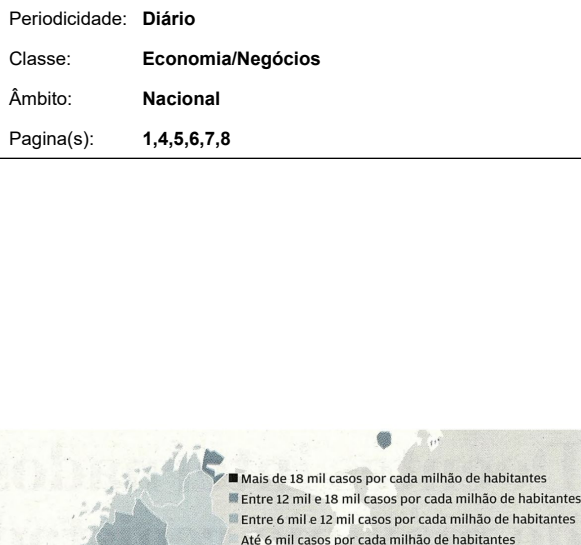
O primeiro-ministro, António Costa, decretou, na semana passada, o regresso do país à situação de calamidade e a proibição de ajuntamentos de mais de cinco pessoas na rua. Anunciou ainda a intenção de tornar obrigatórios o uso de máscara em determinadas circunstâncias e a instalação da aplicação StayAway Covid. No entanto, o governante já alertou que Portugal poderá voltar ao estado de emergência.

ESPAÑA

Soube-se esta terça-feira que o Executivo espanhol está a estudar a hipótese de impor um recolher obrigatório em todo o país. Desde a primeira vaga que a política sanitária está a cargo das autoridades regionais, à exceção de Madrid. O Governo impôs restrições de mobilidade em 10 municípios da capital. Na Catalunha os bares e restaurantes estão fechados e em Navarra vigora o confinamento obrigatório.

FRANÇA

Desde a meia-noite do dia 17 de outubro que o estado de emergência vigora em França. Além disso, há ainda oito cidades francesas sob um regime de recolher obrigatório. Os habitantes de cidades como Paris, Marselha, Lyon ou Toulouse, devem ficar em casa entre as 21h e as 6h. Qualquer incumprimento pode dar origem a multas que oscilam entre os 135€ e os 1.500€. As medidas vão manter-se durante quatro semanas, mas Macron quer prolongá-las até dia 1 de dezembro.



BÉLGICA

O novo primeiro-ministro belga, Alexander De Croo, determinou o fecho de bares e restaurantes. A venda de álcool está também proibida a partir das 20h e há um recolher obrigatório para o período entre a meia-noite e as 5h. As medidas são uma tentativa do governo de Bruxelas de evitar o confinamento do país. De acordo com o jornal The Guardian, entre os dias 9 e 15 de outubro, a média diária de infeções superou os 7.800 casos.

REPÚBLICA CHECA

A República Checa é um dos países que tem sido mais afetado pela segunda vaga de infeções, com o número de casos diários registado na passada sexta-feira a ultrapassar os 11 mil. Como resposta, o Executivo de Praga ordenou, no dia 14 de outubro, o fecho de bares e restaurantes. O consumo de álcool está também proibido, as aulas devem ser lecionadas à distância e o uso de máscara é encorajado por parte do governo.

GRÉCIA

O aumento de casos diários no país (ultrapassou pela primeira vez as 600 infeções diárias esta terça-feira) levou o governo heleno a abortar os planos que visavam o regresso do público aos eventos desportivos. Em vigor está o uso obrigatório de máscara em espaços fechados, como, por exemplo, nos transportes públicos. A região de Ática, onde fica Atenas, adotou regras mais severas e decretou o encerramento de bares entre as 00h e as 5h.

opinião está limitada ou condicionada pelos dados que o Governo tem à disposição (...). São precisos dados regionais e locais detalhados. É necessária informação muito precisa sobre até que ponto é que a rede de saúde pública está a conseguir responder", argumenta. Em cima da mesa, não está a procura por uma solução definitiva, mas sim a tentativa de "ganhar tempo até à vacina".

Já Elisabete Ramos, a nova presidente da Associação Portuguesa de Epidemiologia, considera que um novo confinamento "seria um cenário muito, muito indesejável" em Portugal. "Só seria possível se estivéssemos mesmo na iminência de o SNS colapsar."

O problema da comunicação
"Impor restrições aos cidadãos são sempre as medidas fáceis. É

empurrar a responsabilidade para cima dos outros", diz Ricardo Mexia, presidente da Associação Nacional dos Médicos de Saúde Pública. "Devemos primeiro educar a população", acrescenta.

A opinião é partilhada por Adalberto Campos Fernandes. O ex-ministro considera que o Executivo tem falhado na tarefa de instruir os portugueses e que tem contribuído para um "pânico

desproporcionado". Refere ainda que "comunicações muito pesadas e muito solenes só agravam essa ideia. Não estamos numa situação de alarme geral". O antigo governante pede ao Executivo que melhore a comunicação, em particular com os jovens: "Temos de falar para os jovens e para os adultos mais jovens, explicando que as medidas de proteção individual se destinam também

a proteger as pessoas mais vulneráveis". Conclui, por isso, que devem ser feitas campanhas direcionadas: "Tenho a certeza de que num momento de importância nacional, os chamados 'opinion leaders', os youtubers, pessoas do espetáculo, desporto, essas pessoas estão disponíveis para, de uma forma voluntária, se envolverem num processo de comunicação." ■

Fonte: Worldometer e imprensa internacional

Doentes internados perto de máximo registado em abril

Num dia em que Portugal reportou mais 2.535 infeções pelo coronavírus, o segundo valor mais elevado de sempre, os internamentos subiram para 1.272, muito perto do máximo observado em meados de abril. António Costa descarta cercas sanitárias.

PEDRO CURVELO
pedrocurvelo@negocios.pt

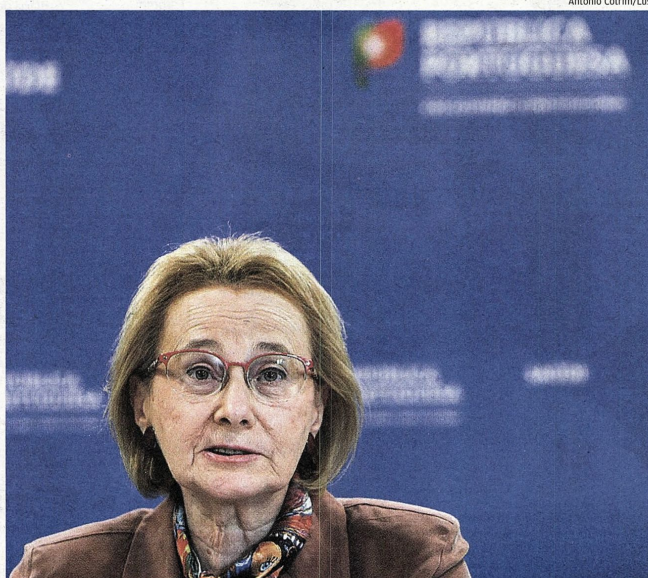
O número de novos casos de infeções pelo coronavírus cifrou-se em 2.535 na quarta-feira, o segundo valor mais elevado desde o início da pandemia, indicou a Direção-Geral de Saúde (DGS). Foram também registados mais 16 óbitos devido à covid-19. O país soma agora 106.271 casos acumulados desde 2 de março, data em que foi reportado o primeiro doente, e 2.229 vítimas mortais.

A pressão sobre o Serviço Nacional de Saúde (SNS) continua a aumentar, com os internamentos a subirem em 35, para os 1.272, o terceiro maior número e já muito perto do recorde de 1.302 registado a 16 de abril. Também os doentes graves aumentaram, encontrando-se atualmente em 187, máximo desde 24 de abril.

Norte continua a liderar propagação

Tal como já sucede há 14 dias, o Norte voltou a ser a região com mais novos contágios. No espaço de 24 horas foram mais 1.379, o valor mais elevado de sempre. Aliás, nos primeiros 20 dias de outubro o Norte contabiliza mais de 15.500 casos, quando o anterior recorde num mês remontava a abril e não chegava a 10 mil infeções.

O aumento de casos, contudo, não é exclusivo do Norte. Também os mais de 10.300 casos registados em Lisboa e Vale do Tejo (LVT) superam os valores mensais anteriores. Existem também recordes no Centro, com mais de 2.500 novos contágios, no Alentejo e no Algarve, acima dos 600 casos em



A diretora-geral de Saúde admitiu a existência de doentes infetados enquanto estavam internados.

cada uma das regiões. Até mesmo nas regiões autónomas os casos têm acelerado, com a Madeira a superar a centena de novas infeções num mês pela primeira vez.

Taxa de letalidade desce mas número de mortes sobe

A taxa de letalidade, que compara os óbitos com o total de casos confirmados, tem vindo a diminuir e encontra-se atualmente nos 2,10%, menor valor desde 29 de março.

No entanto, dado o forte aumento nos casos confirmados, o número de vítimas mortais registados nos primeiros 20 dias de outo-

tubro ascende já a 252, um valor que apenas é superado pelos registos dos meses mais negros da pandemia - abril e maio. Por comparação com setembro, o número médio de óbitos por dia passou dos 5,1 no mês passado para 12,6.

Causas do aumento no Norte dividem opiniões

O secretário de Estado da Saúde, Diogo Serra Lopes, contestou as declarações do presidente da Área Metropolitana do Porto (AMP), Eduardo Vítor Rodrigues, que, à Rádio Renascença, defendeu que o não cumprimento do desfasa-

mento de horários de trabalho e a ocupação excessiva dos transportes públicos estaria na origem do aumento de casos na região Norte.

"A maioria dos contágios não ocorre na utilização de transportes públicos nem em nada que se pareça, mas sim em contexto familiar e eventos sociais", ripostou o governante.

A diretora-geral da Saúde, Graça Freitas, revelou que existem atualmente 28 surtos ativos nos hospitais, com 326 casos, admitindo que alguns doentes foram infetados enquanto estavam internados.

“

A maioria dos contágios não ocorre na utilização de transportes públicos nem em nada que se pareça, mas sim em contexto familiar e eventos sociais.

DIOGO SERRA LOPES
Secretário de Estado da Saúde

Não quer dizer que todos sejam surtos de grandes dimensões, (...) bastam dois casos ligados entre si para se considerar um surto

GRAÇA FREITAS
Diretora-geral de Saúde

”

António Costa descarta cercas sanitárias ou confinamento

O primeiro-ministro afastou ontem a possibilidade de ser imposta "uma cerca sanitária ou um confinamento obrigatório". Costa falava aos jornalistas após uma reunião com os presidentes das câmaras de Paços de Ferreira, Felgueiras e Lousada e com as autoridades de saúde locais e regionais.

E insistiu que a maioria dos contágios aconteceu "em atividades sociais, festas, encontros de natureza familiar ou não familiar" e não "em contexto laboral ou escolar". ■